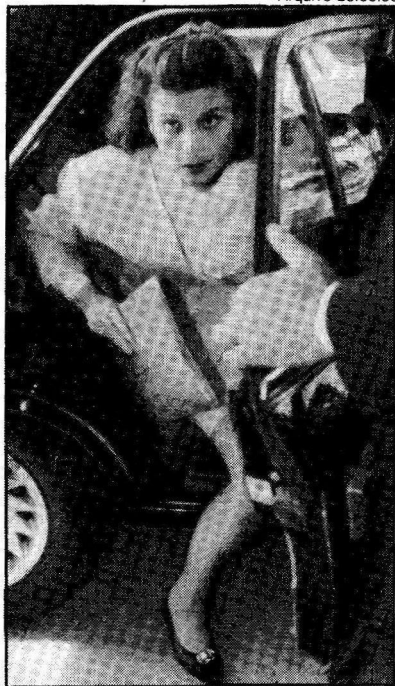


Franceses criticam Brasil

Arquivo 26.06.90

Paris — O recente encontro entre a ministra da Economia, Zélia Cardoso de Mello, e o seu colega francês, Pierre Berégovoy, não transcorreu tão bem quanto pretende a ministra brasileira. Essa constatação não foi feita apenas pela imprensa brasileira, cujo noticiário provocou um protesto de Zélia, mas também pela imprensa francesa. Isso porque o ministro francês estima que nove bilhões de francos de atrasados acumulados junto à Coface (entidade que financia as exportações francesas) impedem todo o crédito público para o Brasil. Essa observação foi feita pelo vespertino **Le Monde**, que comentou a passagem da ministra da Economia pela França num artigo na primeira página de seu caderno econômico, com o seguinte título: O Brasil, na Armadilha da Dívida. O jornal lembrou também o ataque lançado pelo governo de Brasília contra o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) que havia bloqueado um crédito importante a pedido dos países industrializados. Não se pode esquecer que a França faz parte da relação de países que solicitaram a suspensão do empréstimo do BID ao Brasil.

O jornal refere-se à primeira passagem da petulante ministra Zélia Cardoso de Mello por Paris, em julho do ano passado, ocasião em que deixou uma impressão favorável junto às autoridades do Ministério da Economia da França pela sua forma franca de expor os problemas, mas também porque o programa econômico do presidente Collor suscitava ainda grandes esperanças. Mas, os tempos passaram e hoje em dia novas medidas de ajustamento foram adotadas sob o nome de Plano Collor II. Segundo



Zélia: da audácia ao orgulho

o jornal, agora está claro que nem a inflação, nem os déficits públicos parecem ter sido controlados. Françoise Lazare, articulista do **Le Monde**, lembra que se a audácia anterior pôde ser apreciada, hoje critica-se a pretensão e o orgulho. Contrariamente ao Egito e à Polônia, o Brasil não possui cacife político suficiente capaz de conciliar sua posição com a de seus credores. De qualquer forma, ele continua sendo o maior Estado latino-americano e sua saída da crise pode modificar radicalmente a imagem econômica da América Latina, diz o comentarista. (Real Junior, da AE)